

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº67 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2002  
VOLUME V  
ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História

**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia

**ARTUR MORETTI** - Física

**CELSO FERRAREZI** - Letras

**FABÍOLA LINS CALDAS** - História

**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia

**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação

**MARIO COZZUOL** - Biologia

**MIGUEL NENEVÉ** - Letras

**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

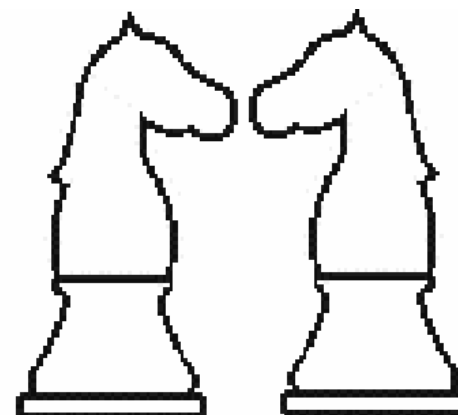
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**67**



**JÁ ESTAMOS NA CAMUFLADA GUERRA  
CIVIL DO DESEMPREGO**

**CLODOMIR MORAIS**



**Clodomir Santos de Moraes**

jacintaclodomir@hotmail.com

Professor de Sociologia Rural - UFRO

## **JÁ ESTAMOS NA CAMUFLADA GUERRA CIVIL DO DESEMPREGO**

O desemprego e o sub-emprego que configura a marginalidade, no Brasil, têm conformado uma força social tão poderosa que chega mesmo a impor um diário “toque de recolher”, a partir das 21 horas, nas 100 maiores cidades do país, obrigando perto de 50 milhões de brasileiros a não sair de casa sem o risco do assalto a mão armada.

É tão patente esta dura realidade que um ministro da Justiça foi à televisão aconselhar aos que infringirem o “toque de recolher” no sentido que tenham sempre algum dinheiro no bolso, porque a falta deste poderá irritar o assaltante e levá-lo a produzir maior violência.

Calcula-se em meio milhão de adolescentes conhecidos por “trombadinhas” que vivendo fora de controle do país, se dedicam a furtos e assaltos.

Nas maiores cidades brasileiras, as ruas e praças centrais, à boca da noite, são evacuadas rapidamente pela população compradora. Logo, em seguida, o comércio protege suas portas com fortes grades de ferro enquanto a população se desloca aos bairros para proteger-se no lar, lar de janelas e portas também reforçados por grades de ferro.

Há menos de maio século as pessoas podiam livremente desfrutar do passeio noturno para ver vitrines, parques, teatros, templos, cinemas, estádios de futebol.

Naquela época somente os agentes da violência estavam metidos atrás das grades. Hoje, a coisa está completamente invertida, diametralmente oposta; à noite a cidadania é recolhida às grades de ferro que protegem porta e janelas do seu lar, enquanto que a violência livremente campeia nas ruas pondo em risco a tranquilidade de todos.

Invertem-se inclusive os critérios da arquitetura, pois a grade que antes era o símbolo dos estabelecimentos penais, passou a impor-se como componente arquitetônico de habitação familiar. É por isso que a serralheria constitui um setor industrial em expansão.

Não seria exagerado dizer que a maioria dos brasileiros, hoje em dia, dorme atrás das grades por temer a violência que impera nas ruas. E, por conta disso, em expansão entra a indústria de novela de televisão, a fim de ninguém morra de tédio, encerrado em sua casa.

Cumpra-se assim a profecia de Josué, não o rei que conduziu os judeus à Terra Prometida e sim o médico e sociólogo Josué de Castro que dizia que a população das grades urbanas, um dia, estaria composta “dos que não comem e dos que não dormem: não dormem com medo dos que não comem”.

De fato, esta é a triste realidade em que vivemos. Pior ainda porque o medo aos desempregados, ou seja, o medo aos que não comem rouba ao indivíduo a liberdade de sair à noite. Muitos têm medo de sair mesmo em automóveis e gritam por mais policiamento nas cidades, como se já não fossem excessivamente pesados aos cofres públicos e privados os serviços destinados à segurança pessoal e do patrimônio.

#### AS CAUSAS DO PROBLEMA

Toda nossa história mostra que o brasileiro é de espírito e índole pacífica e, por isso, avesso à guerra e à violência. Se este hoje constitui o mais grave problema social dos brasileiros, é porque não se tem tratado de ultrapassar adequadamente as causas da violência -- que não são outras se não o desemprego e o sub-emprego.

Na medida em que crescem o desemprego e o sub-emprego, cresce também a violência.

Nos países do Terceiro Mundo de economia deformadas e incipientes o progresso técnico da agricultura, na medida em que melhora as condições de vida rural, desloca a população para os centros urbanos. Este constitui o custo da incorporação tecnológica com o propósito de aumentar a produção e incrementar a produtividade agrícola em todo e qualquer sistema econômico montado sobre a produção de mercadorias, não importa o marco político-filosófico que o presidia. As megalópoles marcam as geografias dos países ocidentais e orientais; do hemisfério norte e do sul. Quer dizer que, em qualquer parte do planeta onde existir a produção mercantil, seja em forma de bens ou de serviços a tecnologia é sempre buscada para reduzir os custos da produção e dos preços das mercadorias, reduzindo, em consequência disso, braços nos centros de trabalhos, empurrando esses braços livres à procura de trabalhos em outros lados.

É tão inexorável o "metabolismo" da economia da produção mercantil que chega a desrespeitar a vontade dos homens que a desconhecem ou não a levam em conta. Exemplo mais típico dessa, dir-se-ia, fatalidade é o caso dos riograndenses do sul que sempre tiveram uma agricultura e uma indústria doméstica modelares, baseadas na produção familiar.

Com efeito, nossos gaúchos sempre endeusaram os seus "pagos" e a sua "querência"; quase não saíam de suas fronteiras nas proporções dos emigrantes nordestinos.

Nossos dias, avalanches de emigrantes riograndenses do sul se espalham por todo o centro e grande norte brasileiro. Eles não puderam permanecer tranquilos e felizes nas suas "querências", apesar de serem os brasileiros que mais tempo tiveram nas mãos as rédeas da República. Com efeito, nos 100 anos de vida republicana, o Brasil tem sido governado, quase metade de um século, por gaúchos e muitos deles com plenos poderes, em regimes ditatoriais.

Hoje o Rio Grande do Sul consome até verduras e legumes produzidos nos grandes centros de moderna produção, por não ter podido absorver na agricultura ou na indústria as massas desempregadas do campo.

A absorção de braços excedentes da agricultura foi um fenômeno normal na história econômica dos países mais desenvolvidos do século passado. É que a revolução industrial, nos seus primórdios, estava montada sobre uma tecnologia ainda pobre, limitada por uma mecânica consumidora de grandes massas de trabalhadores. Além disso, os braços excedentes da agricultura foram em grande parte absorvidos também nas construções de canais e de numerosas estradas de ferro e nos esforços de expansão colonial.

Com o Brasil e com outros países do Terceiro Mundo de tardio desenvolvimento capitalista, a máquina penetrou na agricultura (expulsando do campo populações rurais) na mesma época em que a fotocélula invadiu a indústria reduzindo suas necessidades de braços e impedindo dita indústria de cumprir seu clássico papel de observadora de consideráveis porções de excedente de mão de obra rural.

Daí porque, dado a esse anômalo “metabolismo” do capitalismo tardio, no nosso país o migrante rural, ao chegar à cidade, é logo inserido não na indústria (impossibilitada de absorvê-lo) e sim no Setor Terceário, ou seja, nos Serviços. Ele se incorpora ao comércio ambulante, ou como biscateiro de milhares de barracas que proliferam marcando de cashbad, ou medinas orientais, os grandes centros urbanos. Outros migrantes de menor sorte, que não conseguiram incorporar-se nem à indústria nem aos Serviços, são no entanto, incorporados às fileiras da violência a que a fome e o desemprego geralmente induzem.

#### COADJUVANTES DA SOLUÇÃO

Os braços que a Agricultura e a Indústria não puderam absorver têm que ser incorporados à produção de bens ou de serviços se não se quiser vê-los engrossando, cada vez mais, as hostes da violência. Em duas palavras: ou são incorporadas ao trabalho, ou serão incorporadas à violência.

Para isso dever-se-á preencher vastos espaços econômicos e sociais que requerem profissionais organizados em estruturas de produção e de serviços. As coisas dos homens são feitas pelos homens. O dinheiro e a tecnologia nada fazem sem os homens; e os homens só fazem bem as coisas quando estão adequadamente organizados para isso.

Todo mundo trem de cabeça quando necessita de um electricista, ou de um encanador, ou de um pintor, ou de um tipógrafo, ou de um cozinheiro, de um carpinteiro, ou de um mecânico, ou de um pedreiro, ou de um alfaiate, de um protético, de artesãos de todo tipo; ou de um datilógrafo, ou de uma babá de velhos ou inválidos; ou de uma simples empregada doméstica, ou de um jardineiro, de massagista, de professores, de tradutores e de tantos outros profissionais que não têm trabalho ou operam ocasionalmente.

A dor de cabeça sobrevém pelo receio de contratar serviços de indivíduos que não estão apoiados em uma razão social, uma empresa, uma cooperativa, um coletivo de trabalho ou de uma associação comunitária idônea.

Hoje, já se tem bem claro que os produtores remunerados só trabalham em cooperação quando estão ao redor de **insumos indivisíveis**, ou seja, ao redor de meios de produção e de serviços postos à sua disposição ou em propriedades comuns de todos os associados.

A pequena infraestrutura (o teto), o veículo, o telefone, a maquinaria simples, utensílios instrumentos e ferramentas de trabalho de propriedade e de uso comunitárias sempre se consegue com a Comunidade Solidária, com a Secretária de Assuntos Comunitários da Presidência da República ou com outras instituições similares a níveis estaduais e municipais.

Sobram profissionais desempregados. Só as Forças Armadas, por exemplo, cada ano joga no mercado de trabalho entre 40 e 50 mil profissionais jovens, formados durante o serviço militar, além de milhares e milhares de profissionais formados anualmente pelo SENAI, SENAC e por centenas de outras instituições congêneres e universidades.

Como se vê, sobram profissionais. O que falta mesmo são instituições especializadas em “construir” estruturas organizativas capazes de incorporar os milhões de profissionais sem trabalho. Faltam quadros organizadores de cooperativas de trabalho e de outras formas de cooperação que absorvem o desemprego. Para tanto, há que criar-se uma instituição que seja o novo “bandeirante” da expansão do emprego dotada de centros de capacitação em organização dos produtores, com vistas à expansão real do emprego (COPEERE), concebido pelo Instituto de apoio técnico aos países do Terceiro Mundo, ‘IATTERMUND’ de Brasília. Este mesmo instituto já criou em vários Estados mais de dez sistemas de Participação Social na identificação de Projetos Geradores de Empregos e Renda, SIPGER mediante o método de capacitação mas, livres dos Laboratórios Organizacionais utilizados por agencias da ONU e OEA em vários países da Europa Latinoamérica e África.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

**SUGESTÃO DE LEITURA**

*som*

*além*

*do ser*

*ter*

*além*

*do tom*

*boom*

*além*

*da bomba*

*além*

*além*

*da lenda*

**CARLOS MOREIRA**